

Novos usos e significados das vilas operárias da antiga fábrica Brasital

Berna Bruit Valderrama*

Melissa Ramos da Silva Oliveira**

Resumo

Este artigo discorre sobre as habitações proletárias construídas pela antiga fábrica de tecidos Brasital, na cidade de Salto/SP, com o intuito de se mostrar os novos usos e significados desse legítimo patrimônio industrial na atual dinâmica da cidade contemporânea.

Palavras chave: Vilas operárias. Brasital. Patrimônio industrial.

New uses and meanings about the houses of industrial workers of the Brasital industry

Abstract

This article discourses about the proletarian habitations constructed by the Brasital textile industry, in the city of Salto/SP, with the intention of showing the new uses and meanings of this authentic industrial heritage inside of the recent dynamic of the contemporary city.

Key words: Houses of industrial workers. Brasital. Industrial heritage.

Introdução

As vilas operárias, assim como todas as estruturas que foram construídas para dar suporte à atividade industrial como as pontes, aquedutos, estradas e estações ferroviárias, as fábricas e seus edifícios fabris, as máquinas e ferramentas, e até o “saber fazer industrial” são produtos oriundos do modo de produção capitalista e da Revolução Industrial. Portanto, são representativos de um momento de profundas mudanças na sociedade, e de desenvolvimento de inúmeras cidades no Brasil e no mundo.

Excluído: II

Na atualidade, todos esses bens ligados à produção industrial sofrem com as rápidas transformações técnicas, científicas e informacionais, incluindo as do modo de produção, que imprimem tanto um caráter fugaz às cidades modernas, quanto novas relações sócio-espaciais. Esses bens, que podemos denominar de patrimônio industrial pelo seu elevado valor cultural, são cada vez mais obrigados a estarem em constante adaptação a essa nova realidade se não quiserem se tornar obsoletos e/ou abandonados. Dessa maneira, os novos usos se tornam essenciais para evitar, tanto a ociosidade desses prédios, quanto a sua desvalorização imobiliária, numa tentativa de garantir a sua salvaguarda, mesmo com a alteração de seus significados originais.

Assim, é importante destacar que as vilas operárias, mesmo sendo de uso residencial, sofrem os profundos impactos da velocidade das mudanças no tempo-espaço global. Mesmo quando preservam a sua função original de habitação, precisam ser adaptadas à nova forma de morar imposta pelo mundo contemporâneo.

Até meados da década de 1970, esse tipo de construção não foi valorizado no Brasil (1) porque representava as classes sociais mais baixas, marginalizadas tanto social quanto espacialmente. Apesar da dificuldade de preservar a história da classe operária e dos lugares significativos dela, hoje esse quadro tem se modificado. Alguns remanescentes dessa arquitetura vernacular têm sido valorizados, seja por meio do tombamento, ou pelo reconhecimento da própria sociedade, ou mesmo pelos novos usos atribuídos a elas.

As habitações operárias construídas pela antiga fábrica Brasital também estão condicionadas às influências e mudanças globais. Permanecem inseridas num contexto urbano, no qual a especulação imobiliária e a dinâmica de consumo são extremamente vorazes, e as contradições entre o novo e o velho, ou a tradição e a modernidade, se fazem presentes a todo o momento. Ao longo desse processo, algumas formas se perderam. Outras estão descaracterizadas pelas novas funções, como é o caso de algumas casas da vila operária da Brasital. Algumas formas permanecem preservadas, mas sem uso, como é o caso dos chalés dos mestres de

Excluído: II

obras. Em meio a todas essas contradições, esses remanescentes permanecem inseridos dentro da dinâmica atual da cidade de Salto, mesmo sem o reconhecimento legal do tombamento, como importantes ícones da memória e da história saltense.

1 Vilas operárias

As vilas operárias tiveram sua origem com a Revolução Industrial, sobretudo com as empresas têxteis inglesas surgidas nos séculos 17 e 18. No plano da cidade, podemos acrescentar que, embora a cidade tenha preexistido ao advento da industrialização, este processo transformou o quadro citadino anterior e impôs à mesma um novo ritmo, fundamentado num novo modo de produção que matizou as relações de vida, de convivência e de trabalho ao longo de todo o século 19 e princípios do século 20. É com a Revolução Industrial que apareceu a grande fábrica vinculada à máquina a vapor, posteriormente à ferrovia e ao surgimento do processo de urbanização que caracterizaria a cidade industrial.

Como nesse período a atividade industrial não se processava sem a presença do homem, a questão da moradia surgiu como problema inerente ao perfil da cidade industrial, pois com o processo de “revolução urbana” (2), ou seja, a vinda da população do campo para a cidade para trabalhar nas indústrias ocasionou um grande *déficit* habitacional. Conforme destaca Leonardo Benévolo (1994, p. 22), “o incremento demográfico e o industrial influenciam-se mutuamente de modo complicado”, pois esse aumento é mais quantitativo do que qualitativo, gerando muitos problemas à cidade. Com o intuito de tentar minimizar o déficit habitacional, as vilas operárias e os núcleos fabris foram criados pelas fábricas para abrigar seus empregados e garantir o desempenho das novas funções urbanas, bem como do investimento de capitais. Ou seja, “as vilas operárias simbolizam um tipo de relação social entre operariado e empregados que extrapolou e extrapola a camada dos que nelas vivem” (BLAY, 1985, p. 45).

A necessidade de se desenvolver vilas operárias no entorno das fábricas, também esteve ligada à necessidade de fixação da força de trabalho próxima às indústrias, garantindo assim uma maior capacidade de controle dos trabalhadores em diversas circunstâncias de seu cotidiano, pois segundo Eva Blay (1985), a vila operária é um

Excluído: II

dos bens em que o capital privado investe para tornar possível armazenar a força de trabalho livre necessária à produção.

Esse tipo de implantação estabeleceu uma nova dinâmica urbana pautada na segregação social e espacial que promoveu uma reorganização territorial tendendo a uma periferização das fábricas e das próprias vilas a partir de um crescimento radiocêntrico, mas sempre dentro do tecido urbano. No entanto, vale ressaltar que a implantação da Fábrica Brasital e, conseqüentemente, das suas vilas operárias, ocorreu no centro da cidade de Salto-SP, próximo ao largo da Igreja Matriz, o marco inicial de sua fundação, conforme pode ser observado na figura 01.

Ao longo do processo de crescimento da cidade, nem a fábrica nem a vila foram deslocadas desse processo, contribuindo inclusive para a consolidação desse espaço urbano. Visando a expansão dos negócios, a fábrica Brasital construiu uma pequena hidroelétrica, denominada Porto Góes, na queda d'água do Itu-Guaçu no rio Tietê, possibilitando a geração de energia e a ampliação da tecelagem. A posição estratégica da fábrica organizou, juntamente com o rio Tietê, o processo de urbanização de Salto, tornando-se uma referência física ao transformar a cidade num importante centro fabril do Estado de São Paulo. A vida mais cotidiana de Salto, ao longo de boa parte do século 20, organizou-se a partir da Brasital e da imigração italiana, especialmente atraída pelas possibilidades de trabalho nas tecelagens. A cultura industrial, associada à italiana, influenciou na formação histórica e sócio-cultural local que se manifesta até a atualidade.

No Brasil, as vilas operárias tiveram seu auge nas décadas de 1940 e 1950, após a Segunda Guerra Mundial, com o expansionismo econômico brasileiro e a consolidação da indústria nacional, para marcar os primeiros aglomerados urbanos utilizados para integrar empresa e sociedade. Segundo Telma de Barros Correa (2001), diversas denominações foram usadas para descrever esses aglomerados, tais como vila operária, bairro proletário, núcleo industrial, núcleo fabril, cidade operária, cidade companhia, cidade empresa, entre outras.

Existiam basicamente duas modalidades distintas de vilas operárias. As vilas construídas por particulares, investidores privados voltados ao mercado de locação,

Excluído: II

que alugavam suas casas para funcionários de alguma indústria ou trabalhadores de outro setor. Como exemplo desse caso temos a Vila Manoel Freire em Campinas-SP, que foi construída por um empreendedor da época para alojar tanto funcionários da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, quanto outros trabalhadores. E aquelas que eram construídas pelas próprias indústrias, como é o caso da Vila Operária da Brasital em Salto-SP, na qual os moradores eram as famílias dos funcionários da indústria, que tinham descontados de seus salários o valor dos aluguéis. Segundo Reis Filho (1994, p. 34), “esse procedimento estabelecia vínculos que impunham uma submissão extremada dos trabalhadores aos empresários e permitia a esses auferir lucros expressivos.”

Sob essa ótica, as vilas operárias são construções tipicamente urbanas, condicionadas a lógica do capital, sobretudo à da especulação imobiliária pela ação dos empreendedores. As vilas operárias também eram bem vistas porque representavam um tipo de moradia unifamiliar (em contraposição aos cortiços existentes na época), com condições de salubridade mínimas, além de serem econômicas e contribuírem para o barateamento da força de trabalho. Implicitamente, as vilas preservavam as relações paternalistas de trabalho e um enorme controle dos patrões sobre os empregados.

2 As vilas operárias da antiga fábrica Brasital

A história da antiga Fábrica Têxtil Brasital S/A (Brasil-Itália) está intimamente relacionada à história da cidade de Salto. A Brasital nasceu com essa denominação em 1919, fruto da associação entre as empresas Fábrica José Galvão e Fábricas José Galvão e Barros Júnior (na época propriedade de Buarque de Macedo & Cia), e adquiridas posteriormente pela empresa italiana *Società Italo-Americana Per Importazione e Exportazione*, conforme pode ser observado no quadro 01.

Quadro 01 – Formação da Brasital

EMPREENDIMENTOS	PERÍODO	HISTÓRICO
Fábrica José Galvão	1895-1897	Propriedade de Buarque de Macedo & Cia.
Fábricas José Galvão e Barros Júnior	1898	Vendidas pelo Banco da República à José Weisshon & Cia. Instalação das hidroelétricas Júpiter (Fábrica

Excluído: II

		José Galvão) e Fortuna (Fábrica Barros Júnior).
Fábricas unificadas, propriedade de José Weissshon & Cia.	1904	Adquirida pela Societá Italo-Americana.
Fábricas Italo-Americana	1919	Transformadas em Brasital SA.

Fonte: Zequini, 2004.

Anteriormente à Brasital, a cidade contava com significativos investimentos fabris, resultado da posição geográfica privilegiada junto às quedas d'água do rio Tietê, bem como da implantação da ferrovia por meio da Companhia Ituana de Estradas de Ferro. Dessa maneira, foi o complexo da Brasital, produto da fusão das antigas fabricas têxteis Júpiter e Fortuna, e da Fábrica de Papel (localizada à margem esquerda do rio Tietê) e suas usinas que impulsionaram definitivamente o processo fabril e o perfil industrial na cidade, ocupando uma grande extensão de terras que margeam o rio Tietê e localizam-se defronte, ao largo da Igreja Matriz, que corresponde ao local de fundação da cidade.

Visando à expansão dos negócios, a fábrica construiu uma pequena hidroelétrica, denominada Porto Góes, na queda d'água do Itu-Guaçu no rio Tietê, possibilitando a geração de energia e a ampliação da tecelagem. O complexo também contou com a construção de um edifício de três andares para a nova fiação de algodão, além de instalar um teleférico interligando o conjunto fabril à Fábrica de Papel, cuja função primordial era o transporte de pequenas mercadorias.

A Brasital, diferentemente de outros empreendimentos fabris, não precisou construir a cidade-operária em seu entorno. Ela já estava constituída, restando à empresa dar suporte ao crescimento industrial com a construção de armazéns, creches e escolas, entre outros equipamentos urbanos. Segundo Gunn e Correa, a companhia Brasital possuiu cerca de trezentas casas, uma escola, uma pré-escola e um açougue (2005).

A Brasital consolidou não somente o perfil social da cidade, como também configurou uma paisagem característica à mesma. A usina, conjuntamente com os edifícios fabris, configuram os traços principais da imagem da cidade. O conjunto pode ser tomado como um marco da arquitetura industrial das primeiras décadas do

Excluído: II

século 20, representado pelos maciços edificadas em tijolo aparente, com caixilharias de ferro fundido, estrutura metálica de sustentação de suas coberturas e telhas francesas. O granito rosa, abundante na região, foi usado principalmente nas estruturas hidráulicas, e também nas fundações dos edifícios fabris.

A instalação da empresa *Società Ítalo-Americana Per Importazione e Exportazione* possibilitou a vinda de inúmeras famílias italianas para Salto, favorecidas pela política de contratação, formando uma colônia significativa na cidade. A influência italiana pode ser verificada na presença de técnicos, mestres e operários desse país, nos projetos e construções, tanto do novo edifício fabril da Brasital, quanto nas moradias operárias. A figura 02 mostra a construção do prédio principal da Brasital em 1920 (prédio preservado até os dias de hoje), bem como as casas operárias construídas por José Weissshon & Cia, aproximadamente em 1900. Essas casas foram demolidas por volta de 1920 para a construção de 13 chalés para mestres e contra-mestres, vindos da Itália, contratados para a obra do complexo fabril edificado da Brasital. A figura 03 mostra esses chalés, dos quais 12 estão preservados até hoje.

Esses chalés possuem uma tipologia diferenciada da maioria das outras vilas operárias. Embora esses chalés fossem geminados, com exceção das casas das extremidades foram construídos no centro do lote respondendo a dois tipos de plantas básicas, uma em formato de U e outra em forma de T (figura 06), com entrada lateral por um alpendre e jardim frontal separado da rua por um gradil de ferro, o que demonstra uma implantação tipicamente burguesa. Esses chalés respondem aos novos esquemas de implantação das residências urbanas que lentamente vão se libertando dos limites do lote e incorporando o espaço externo à arquitetura das residências, processo este apontado por Nestor G. Reis Filho (1995) ao analisar a arquitetura residencial brasileira no período entre 1850 e 1900:

Foi, portanto, somente após a supressão do tráfico de escravos e o início da imigração européia e o desenvolvimento do trabalho remunerado e o sistema ferroviário que apareceram as primeiras residências urbanas com nova implantação, com o que se poderia chamar de “deslocamento” da construção dos limites do lote e um esforço da conquista e incorporação do espaço externo à arquitetura das residências. (REIS FILHO, 1995, p. 48).

Excluído: II

Comparando as figuras 02 e 03 é possível observar que essa alteração tipológica arquitetônica representa também uma mudança no padrão social e econômico das casas e de seus usuários, na medida em que os chalés foram construídos para trabalhadores mais especializados. O quadro 02 apresenta as vilas operárias construídas em Salto, no período de 1920 a 1927.

Quadro 02 - Vilas operárias construídas em Salto

Período	Empreendimentos Realizados
1920 - 1925	Vila Operária Brasital – 244 casas construídas pela Brasital.
1920 - 1924	Chalés para mestres e contra-mestres - 13 casas construídas pela Brasital e que substituíram as antigas casas operárias construídas por José Weissshon & Cia, aproximadamente em 1900.
1924 - 1927	Porto Góes – 20 casas, para alojar os operários da Fábrica de Papel.

Fonte: Zequini, 2004.

A mais importante vila operária de Salto foi a Vila Operária Brasital, cuja construção teve respaldo do poder público que concedeu à fábrica 25 anos de isenção de impostos.

A vila era composta de quatro quadras e 244 casas, conforme pode ser visto na figura 04. As quadras não eram todas iguais, por isso o número de moradias em cada uma delas variava aproximadamente de 50 a 60. Apesar das diferenças de tamanho, internamente todas elas possuíam um quintal comunitário, denominado de quintalão, cuja área total era de aproximadamente 2.000 m². Esses quintalões foram o grande diferencial dessa vila se comparados a outros projetos concebidos na mesma época, pois apresentavam uma área comunitária interna para onde se voltavam todas as moradias. Por um lado, esse espaço permitiu relações sócio-espaciais mais intensas dentro das atividades cotidianas. Mas, por outro, significou um controle mais intenso da fábrica sobre o operário e seu modo de vida. Pode-se fazer um paralelo desse tipo de implantação com o conjunto de praças particulares *Circus*, *Royal Crescent* e *Queen Square*, na cidade de *Bath*, projetadas pelos *Wood* (3), cujo conceito básico era a criação de espaços verdes coletivos, circundados por residências, implantando uma nova forma de morar. Esses espaços eram fechados por serem reservados aos moradores do entorno, caracterizando um espaço

Excluído: II

particular que demonstrava uma preocupação com a temática higiênico-recreativa e social dentro da trama urbana.

No planejamento inicial da Vila Operária Brasital o quintalão foi concebido como área de lazer, especialmente para os filhos dos funcionários. No entanto, o uso efetivo dos quintalões foi mais amplo abrigoando, além do uso recreativo, diferentes usos coletivos cotidianos proporcionados pela implementação de equipamentos comunitários, como fornos para assar pão, tanques para lavar roupas (denominado de vascões), tornando-se de fato um espaço de apropriação social.

A quadra operária possuía três tipos diferentes de casa, conhecidas popularmente como casa pequena, casa média e casa grande, cujas áreas variavam aproximadamente entre 68 m² a 102 m², conforme pode ser observado na figura 05. As dimensões dessas casas evidenciam a preocupação com o perfil quantitativo das famílias. Entretanto, efetivaram também, mesmo que indiretamente, uma divisão social pautada pelo tamanho da fachada da casa, ou seja, as casas mais pobres (no caso as menores) tinham fachada composta por porta-janela, enquanto as casas maiores tinham na fachada janela-porta-janela.

Essa variação de planta também demonstra que a concepção projetual de habitação proletária e os parâmetros sociais das formas de morar se alteraram ao longo do tempo. Na atualidade, a habitação popular apresenta em torno de 65 m² de área construída. E as habitações de 100 m² atualmente são consideradas padrão de moradia de classe média.

As casas das quadras operárias foram implantadas no alinhamento do lote, sem recuo frontal e lateral, promovendo um fechamento da quadra. As residências da vila operária compõem um “conjunto urbano” (4), cuja riqueza arquitetônica manifesta-se na macro-arquitetura, e não nos edifícios em si. A arquitetura residencial, se tomada isoladamente, caracteriza-se pela pobreza de recursos decorativos e simplicidade das linhas. Mas no conjunto urbano essa arquitetura adquire uma homogeneidade e um ritmo que se sobressai no traçado urbano da cidade de Salto.

Excluído: II

Esse tipo de implantação, típico do período colonial, apresenta um telhado de duas águas, no qual a caída era para a rua e para os quintais. Para tratar das questões de higiene e atingir os padrões mínimos de salubridade, como pregava o princípio higienista da época, existiam recuos no meio da casa, denominados de áreas de iluminação, para onde se voltavam as janelas dos cômodos do meio.

A disposição das casas permitia o acesso independente a cada uma delas pela rua, bem como a delimitação do quintalão, cujo acesso se dava de duas maneiras. A primeira, pelos fundos de cada casa, e a segunda, por quatro entradas voltadas à rua, dispostas nas laterais menores da quadra.

3 Os usos contemporâneos da Brasital e suas vilas operárias

Em 1981, a S.A. Moinhos Santistas adquiriu a Brasital, dando continuidade à produção de tecidos na fábrica até meados da década de 1990. Em 2002, o Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio iniciou suas atividades educacionais nas dependências da antiga fábrica, reiniciando o processo de utilização deste patrimônio. Os 13 chalés construídos para os mestres e contra-mestres italianos, por estarem inseridos dentro do antigo complexo industrial da Brasital, também foram adquiridos pelo CEUNSP.

Desses 13 chalés, um deles foi demolido para a construção da entrada da faculdade. Dos outros 12 chalés restantes, 11 deles permanecem intactos e abandonados, sem nenhuma prática de intervenção. Esses chalés recebem apenas pintura externa e assim, sem nenhum uso, permanecem fechados e preservados. Apenas um único chalé recebeu um uso recentemente, mas com poucas intervenções internas. Na atualidade, ele abriga o núcleo jurídico da faculdade de direito do CEUNSP. A implantação atual desses chalés pode ser observada na figura 06.

O que podemos verificar é que a localização desses chalés acabou sendo um dos condicionantes da sua preservação. A sua inserção dentro do antigo complexo industrial, hoje de posse de uma empresa privada que respeita as características físicas dos antigos edifícios, inibiu a especulação imobiliária e sua possível descaracterização pelos usos cotidianos da cidade.

Excluído: II

Esse respeito aos edifícios do complexo da Brasital se deve, sobretudo, pelo significado econômico, social e urbano que representa para a formação do espaço urbano de Salto, e para a construção do processo identitário da sociedade que com ele interage. O uso constante da estrutura física dos prédios industriais, embora por quase uma década não tenha sido utilizada, tem sido primordial para a legitimação da fábrica no contexto sócio-espacial e na configuração da paisagem física e do imaginário coletivo de Salto, definindo sua permanência enquanto retrato da memória histórica e da apropriação social do bem patrimonial por meio das vivências cotidianas. Assim, apesar dos chalés não estarem sendo utilizados, eles fazem parte de um complexo que é utilizado e interage com a cidade. Eles se inserem num espaço dinâmico e muito utilizado atualmente, que compõe uma paisagem que sofreu poucas alterações morfológicas desde o século 20. Vale ressaltar que estamos falando somente da paisagem do entorno dos chalés, no qual a Igreja Matriz, os edifícios do CEUNSP e os chalés permanecem com seus ícones focais e seu desenho e morfologia urbana semelhantes aos do início do século 20.

Já a vila operária da Brasital não sofreu o mesmo processo. Nessa vila, a localização também condicionou sua história, só que para uma tendência inversa à dos chalés. A vila operária localiza-se na região central da cidade de Salto e por isso vem sofrendo com a valorização econômica, e a desterritorialização de sua população original, para atender os novos usos e funções da cidade.

As áreas centrais urbanas, com formas e funções estruturadas por diversos interesses, acumulam as marcas e processos históricos variados. A sucessão do tempo na dinâmica das áreas centrais permanece na memória das edificações e estruturas remanescentes. A mudança funcional desses centros vem realçar a valorização econômica destas áreas constituídas por diferentes representações sócio-culturais e políticas. (PAES-LUCHIARI, 2006, p. 251).

A situação atual mostra que a vila operária da Brasital está totalmente descaracterizada, na medida em que muitas casas ou foram reformadas, tanto internamente quanto externamente, ou foram demolidas para abrigar novos usos, sobretudo comercial.

Excluído: II

Podemos observar, por exemplo, que a maioria das habitações voltadas para a Avenida Nove de Julho, um dos principais eixos comerciais da cidade, e para a Avenida D. Pedro II e para a Rua Rio Branco, dois eixos de circulação importantes que fazem o acesso à saída da cidade e aos bairros, sofreram alterações de uso e na forma arquitetônica para atender à nova dinâmica local. As habitações menos descaracterizadas fisicamente, e as que ainda preservam a função residencial, são as que estão fora dos eixos principais de circulação e consumo, como as fachadas das quadras menores voltadas para a Rua Roosevelt ou para a Rua 23 de Maio. A figura 07 apresenta um levantamento do entorno dessas quadras.

O que se pode verificar ao longo do tempo foi que todo esse processo de descaracterização iniciou-se quando a Brasital vendeu a vila para particulares. Assim, quando os novos proprietários tomaram posse das escrituras, eles iniciaram o processo de reforma desses prédios para adequá-los às novas necessidades.

Na atualidade, a vila operária sofre diversos tipos de deterioração. Um deles refere-se à destruição das características originais dos elementos das fachadas para a concepção de uma nova forma. Em outros casos, não se chega a destruir os elementos arquitetônicos, mas as cores fortes com que são pintadas as fachadas quebram a leitura do conjunto. Outra descaracterização das fachadas dessas casas ocorre com a poluição visual decorrente dos letreiros das lojas, que não são padronizados, possuindo tamanhos, formatos e cores distintas, que além de concorrerem entre si, ofuscam o desenho original das casas.

Internamente, as casas também sofreram muitas alterações. Os cômodos originais das casas, na sua maioria, foram todos demolidos para a construção de novos espaços internos que pudessem atender às novas funções. Algumas casas foram totalmente demolidas para a construção de novos prédios. Mesmo as casas que preservaram a função habitacional, tiveram que sofrer alterações internas e externas para se adequar ao novo modo de vida da população, e à nova forma de morar. O quintalão das quadras está totalmente abandonado, e em alguns casos foi ocupado por construções ou subdividido por muros. Quando não foi edificado, está tomado pelo mato, gerando um aspecto totalmente desagradável. A figura 08 demonstra a situação atual dos quintalões não edificados, e de algumas casas que ainda

Excluído: II

preservam a função residencial. E a figura 09 apresenta uma foto aérea atual da vila e seus quintalões.

Concluindo, a antiga vila operária da Brasital está desaparecendo ao longo do tempo com o processo de alteração de uso à que as casas foram submetidas. Sua localização no centro da cidade de Salto somente vem intensificando esse processo, ao acelerar o ritmo de transformações para atender à lógica do consumo. A vila já perdeu a sua noção de conjunto urbano, pois a homogeneidade das fachadas individuais desapareceu, quebrando com a leitura do todo. O quintalão, que era o grande diferencial dessa vila por ser o espaço privado de uso coletivo, foi bastante descaracterizado, perdendo totalmente a sua função ao deixar de ser o quintal comum das casas para se tornar um espaço fragmentado e abandonado. Essa fragmentação cria um vazio no meio das quadras, que rompe com a continuidade física da vila, ao mesmo tempo em que provoca uma desintegração das relações sócio-espaciais que a consagraram no passado.

Considerações finais

As duas vilas operárias abordadas nesse artigo são importantes elementos da história da cidade de Salto. Apesar do seu elevado valor cultural, essas vilas não têm conseguido se inserir na dinâmica atual da cidade de forma a conciliar sua preservação com as novas funções que lhe são impostas, pois a velocidade das mudanças é tão acelerada, que as transformações sócio-espaciais têm gerado sua própria destruição.

Correia destaca que a velocidade que preside a criação, transformação e destruição dos lugares configura-se de maneira tão intensa, que “o ritmo das mudanças espaciais na atualidade às vezes mal nos permite distinguir na história de alguns lugares o momento de sua edificação daquele de seu desmonte.” (Correia, 2004, p. 1).

A necessidade de articulação do novo com o velho, da inserção das novas necessidades da vida cotidiana em edifícios antigos estão claramente expressas nas Cartas Patrimoniais (5). A Carta de Burra (6) (IPHAN, 1995, p. 283) estabelece que: “o uso compatível designará uma utilização que não implique em mudança na

Excluído: II

significação cultural da substância, modificações que sejam substancialmente reversíveis ou que requeiram um impacto mínimo.”

Enfim, a adaptação dos edifícios a uma nova destinação deve ocorrer sem a destruição de sua significação cultural e do seu testemunho material e imaterial, na qual predomine o valor social sobre a sua condição de mercadoria.

No entanto, o que verificamos na vila operária da Brasital não concorda com esse pressuposto. A adaptação da vila à sua nova realidade tem destruído as suas edificações, o seu quintalão e sua concepção arquitetônica de conjunto urbano, assim como todo o seu significado histórico e cultural. Consideramos que o grande problema dessa vila tem sido a fragmentação do seu conjunto arquitetônico e funcional para atender à lógica do consumo. O quintalão perdeu a sua função de espaço privado de uso coletivo, muito bem expresso pelo termo *square*. (7).

O que precisa ser preservado na vila é o seu traçado e as características arquitetônicas que formam o conjunto urbano, como as fachadas voltadas para a rua, os acessos para o quintalão, bem como o próprio quintalão, que se configuram como elementos da essência da vila.

Essa vila pode ser vista como um desenho de quadra de “vanguarda”, na medida em que rompe com a tradicional implantação urbana cujos lotes se tocam no centro da quadra, fragmentando a mesma em frações menores e privadas, que somente possuem como espaço público a rua. Nessa quadra, o espaço aberto coletivo do quintalão possibilita acrescentar, ao espaço urbano, novas possibilidades de interações de vizinhança a partir do uso desse espaço. Dessa maneira, os projetos de preservação que contemplarem essa visão poderão resgatar a função do quintalão, enquanto elemento organizador projetual da própria vila e elemento de integração social, seja pelo uso residencial, comercial e/ou de lazer.

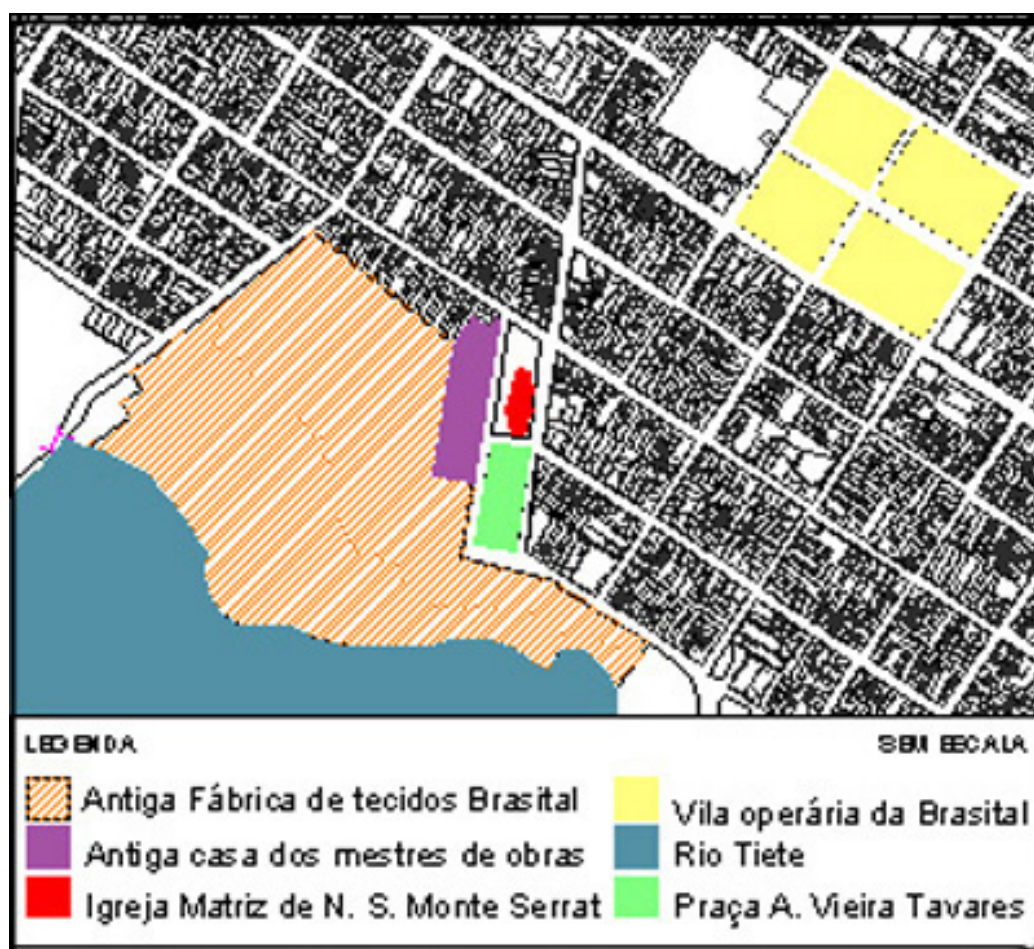
Os chalés edificadas para os mestres e contra-mestres italianos também não se inserem na dinâmica sócio-espacial da cidade de Salto porque apesar da preservação de suas formas não estão sendo utilizados. Consideramos que essas formas são partícipes da configuração da paisagem do entorno da Igreja Matriz.

Excluído: II

Assim, os chalés, embora não utilizados, permanecem com a função estética que é a de compor, juntamente com a Igreja e o complexo industrial da Brasital, um grande cenário urbano de cunho histórico. Contudo, a função estética por si só não é suficiente para garantir a sua preservação visto que a conformação da paisagem é submetida a outros interesses que não somente os da preservação do patrimônio.

A incorporação de usos à prática de preservação do patrimônio edificado deve ser uma realidade. Não importa qual o uso, mas que eles sejam atuais, isto é, que sejam legitimados socialmente, permitindo a sua inserção na dinâmica urbana, bem como a apropriação das comunidades que com eles interagem.

Anexos



Excluído: II

FIGURA 1 – Implantação das vilas operárias e da Brasital na cidade de Salto-SP.

Organização: Melissa Ramos da Silva Oliveira e Berna Bruit Valderrama. Fonte mapa: Prefeitura Municipal de Salto. Desenho: Melissa Ramos da Silva Oliveira.

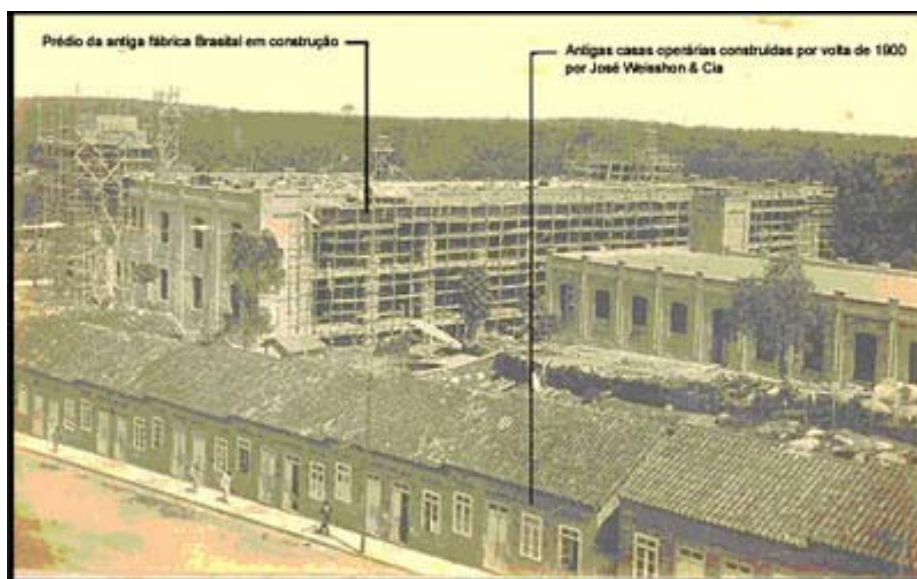


FIGURA 2 – Construção do prédio novo da Brasital em 1920. Fonte: Anabela Leandro.

Organização: Melissa Ramos da Silva Oliveira.

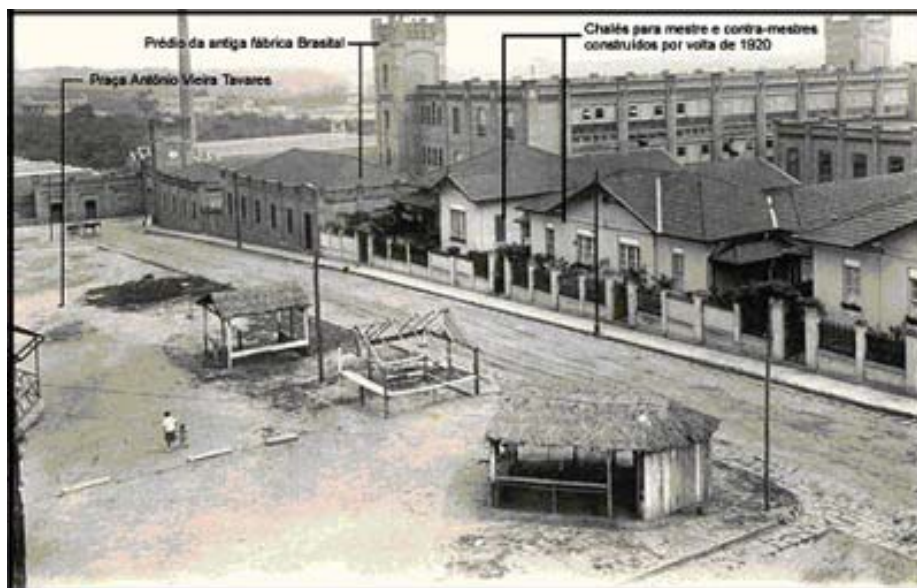


FIGURA 3 – Vista dos chalés e da Brasital em 1929. Fonte: Anabela Leandro. Organização:

Melissa Ramos da Silva Oliveira.

Excluído: II

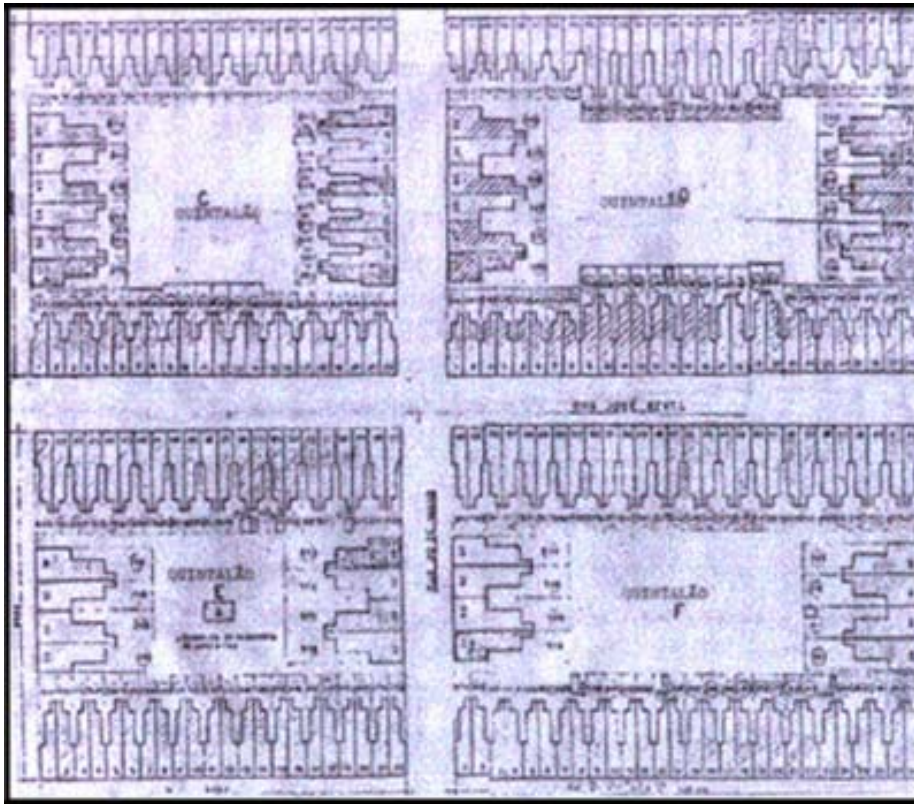


FIGURA 4 – Quatro quadra da antiga vila operária da Brasital. MERLIN, José Roberto. Salto, um exercício de apresentação do espaço urbano. Monografia (conclusão do curso de Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, FAU-USP, São Paulo, 1974.

Excluído: II

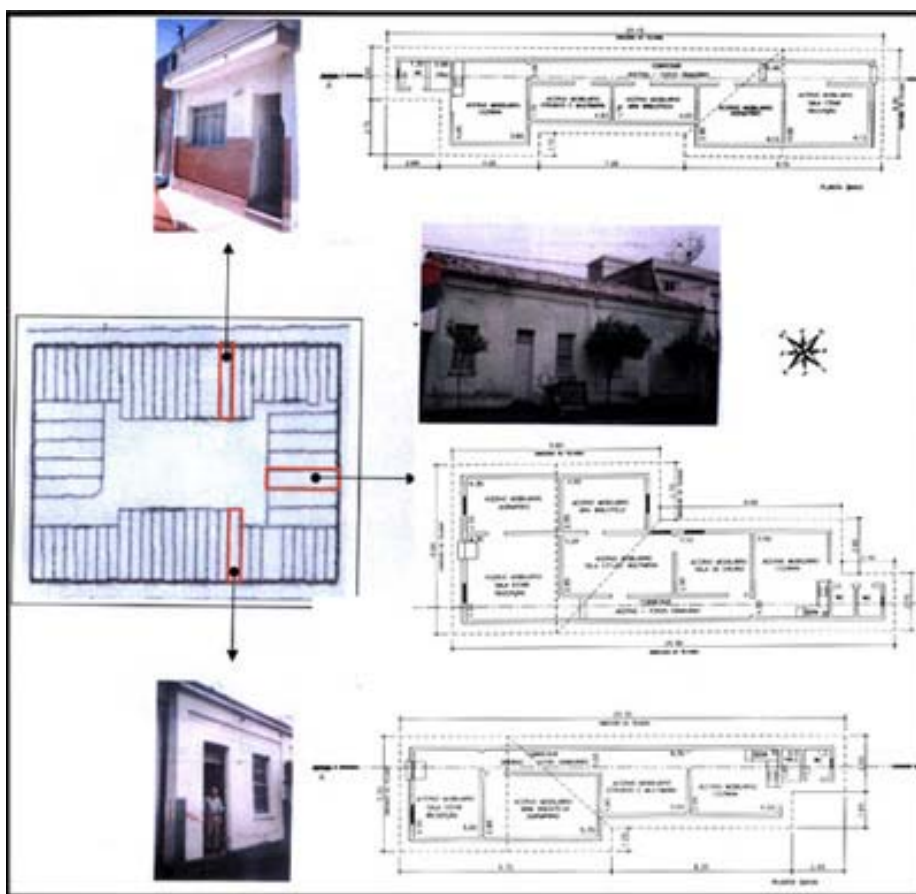


FIGURA 5 – Tipologias arquitetônicas da antiga vila operária da Brasital. CAMARGO, Vânia Inês da Silva. *Espaço cultural da Vila Operária: uma contribuição do turismo para o desenvolvimento sustentável de Salto*. Monografia (conclusão do curso de Arquitetura), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, CEUNSP, Salto, 2004.

Excluído: II

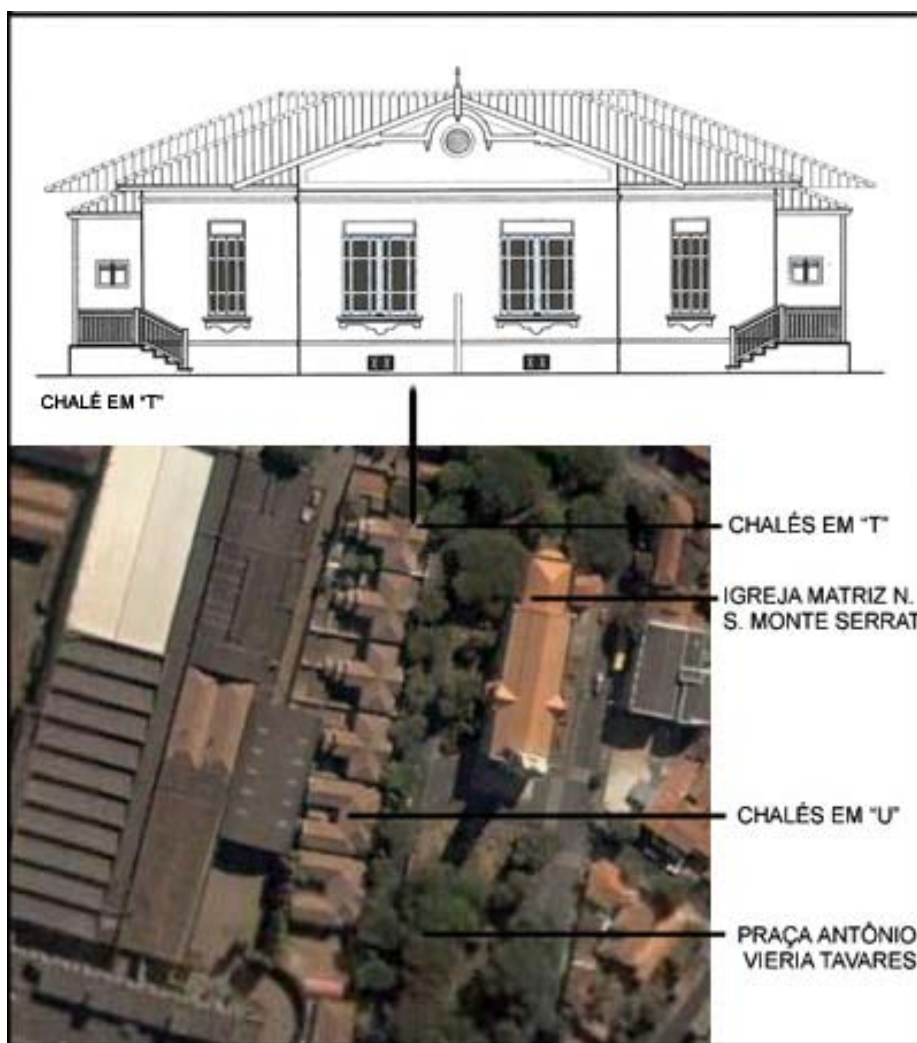


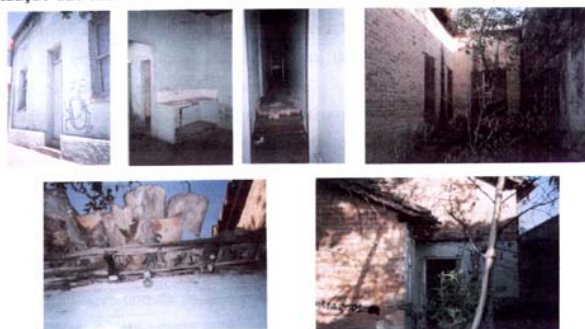
FIGURA 6 – Chales da Brasital. Fonte imagem: Google Earth, 2007. Desenho: Romualdo Fontebasso. Organização: Melissa Ramos da Silva Oliveira, 2007.

Excluído: II



FIGURA 7 – Vista aérea dos quintalões. Fonte: Google Earth, 2007. Organização: Melissa Ramos da Silva Oliveira, 2007.

Situação das casas



Situação do Quintalão



FIGURA 08 - Situação atual da vila operária da Brasital
Fonte: Camargo, 2004.

Excluído: II



FIGURA 09 - Implantação atual dos quintalões
Fonte: Google earth, 2006.

Notas

(1) Quando as políticas preservacionistas surgiram no Brasil, no início do século 20, com o decreto-lei nº 25, estavam fundamentadas em políticas centralizadas pelo estado e apoiadas numa concepção de patrimônio de monumento isolado e símbolo de uma tradição nacional. Nesse período, buscava-se uma identidade “autenticamente brasileira”. Essa identidade foi encontrada nos bens representativos do período colonial, também conhecidos como “bens de pedra e cal”, ou seja, na arquitetura representativa do século 18, especialmente nas que possuem o estilo denominado de barroco mineiro, que foi considerado como o estilo brasileiro mais original, tornando-se um símbolo emblemático da nação brasileira. Somente a partir da década de 1970, com *Compromisso de Brasília* (IPHAN, 1995, p. 161-167), cujas recomendações foram complementadas em outubro de 1971 pelo *Compromisso de Salvador* (IPHAN, 1995, p. 169-174), foram criados os órgãos de preservação do patrimônio nos municípios e nos Estados, buscando realizar políticas locais de preservação, que valorizassem diversas culturas locais, das quais se incluíam tanto a das classes mais pobres, quanto as mais ricas (OLIVEIRA, 2005).

(2) Terminologia utilizada por Lefebvre (2004).

(3) John Wood, the Elder (1704-1754) e John Wood, the younger (1728-1782). Pai e filho. Eram arquitetos ingleses conhecidos por suas obras na cidade de Bath, Inglaterra. John Wood, o pai, especialmente conhecido pelos projetos de *Queen Square* e *Circus*. Seu filho projetou *The Royal Crescent*.

(4) Terminologia utilizada por Reis Filho (1968).

(5) As cartas patrimoniais referem-se a uma coletânea dos principais documentos, recomendações e cartas conclusivas das reuniões relativas à proteção do patrimônio, ocorridas em diversas épocas e partes do mundo. Essas cartas são um balizador importante no acompanhamento do pensamento sobre preservação. No Brasil,

Excluído: II

essa publicação foi organizada pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), e publicada em 1995 (IPHAN, 1995).

(6) ICOMOS, 1980, art. 1.

(7) Segundo Giedion (1961, p. 638) *square* significa “terreno no qual existe um jardim fechado circundado por uma via pública que dá acesso às casas situadas em cada um de seus lados”.

Referências Bibliográficas

BALLEIRAS, Mary Helle Moda. Arquitetura industrial: sete casos no interior paulista. In: Encontro em Patrimônio Industrial, 1., 2004, Campinas. *Anais....* Campinas: IFCH/UNICAMP, 2004. CD-ROM.

BENÉVOLO, Leonardo. *História da arquitetura moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1994.

BLAY, Eva A. *Eu não tenho onde morar: vilas operárias na cidade de São Paulo*. São Paulo: Nobel, 1985.

CAMARGO, Vânia Inês da Silva. *Espaço cultural da Vila Operária: uma contribuição do turismo para o desenvolvimento sustentável de Salto*. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio, Salto, 2004.

CORREIA, Telma de Barros. De vila operária a cidade-companhia: as aglomerações criadas por empresas no vocabulário especializado e vernacular. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Recife, v. 4, p. 83-98, 2001.

_____. Moradia operária e memória: o desmonte de Carioba nos anos oitenta. In: Encontro em Patrimônio Industrial, 1., 2004, Campinas. *Anais....* Campinas: IFCH/UNICAMP, 2004. CD-ROM.

GUNN, Philip; CORREIA, Telma de Barros. A industrialização brasileira e a dimensão geográfica dos estabelecimentos industriais. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais*, Recife, v. 7, n. 1, maio 2005.

IPHAN. *Cartas Patrimoniais*. Brasília: IPHAN/Ministério da Cultura, 1995. (Cadernos de Documentos, 3).

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Tradução Sérgio Martins. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

MERLIN, José Roberto. *Salto, um exercício de apresentação do espaço urbano*. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia)-Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - FAUUSP, São Paulo, 1974.

OLIVEIRA, Melissa Ramos da Silva. *Gestão patrimonial em ouro Preto: alcances e limites das políticas públicas preservacionistas*. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Instituto de Geociências, UNICAMP, Campinas, 2005.

PAES-LUCHIARI, Maria Tereza Duarte. A valorização dos centros históricos urbanos – os dilemas entre o consumo cultural e a habitação. In: Congreso Internacional de Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico y

Excluído: II

Edificación, 8., 2006, Buenos Aires. *La dimensión social del patrimonio*: [anais]. Buenos Aires: Centro Internacional para la Conservación del Patrimonio - CICOP, 2006. p. 251-262. v. 2.

REIS FILHO, Nestor Goulart. *Evolução Urbana do Brasil: 1500-1720*. São Paulo: Edusp; Pioneira, 1968.

_____. Habitação popular no Brasil: 1880-1920. *Cadernos de pesquisa do LAP*, São Paulo, n. 2, set./out. 1994.

_____. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1995.

SANTOS, Carlos Murilo Prado. *O reencantamento das cidades: tempo e espaço na memória do patrimônio cultural de São Luiz do Paraitinga/SP*. Dissertação (Mestrado em Geografia)-Instituto de Geociências, UNICAMP, Campinas, 2006.

VALDERRAMA, Berna Bruit. O legítimo e o legal. In: Cidade Revelada, 9., Fórum Nacional de Conselhos de Patrimônio Cultural, 1., Itajaí, 2006. *Encontro sobre patrimônio cultural*: [anais]. Itajaí, 2006. CD-ROM.

ZEQUINI, Anicleide. A industrialização pioneira do interior paulista e o processo urbano-industrial de Salto, SP. In: Encontro em Patrimônio Industrial, 1., 2004, Campinas. *Anais...* Campinas: IFCH/UNICAMP, 2004. CD-ROM.

* Arquiteta pela PUC Campinas. Doutora em Arquitetura e Urbanismo pela FAU- USP. Membro do grupo de estudos Patrimônio e Paisagem da Faculdade de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo da UNICAMP. E-mail: bbvalderrama@terra.com.br.

** Melissa Ramos da Silva Oliveira. Arquiteta pela UNESP/Bauru. Doutoranda do curso de geografia da UNICAMP. Mestre em geografia pela UNICAMP. Especialista em patrimônio histórico – teoria e projeto pela PUC Campinas. Professora dos cursos de arquitetura e de *design* do Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio (CEUNSP), Salto/SP. E-mail: melissa@ige.unicamp.br.

Excluído: II